

Contentores a bordo. Comércio com o Mediterrâneo oriental nas Hespérides ocidentais

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

RUI MORAIS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH)

DANIELA FERREIRA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CITCEM- Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

1. Introdução

Uma síntese sobre a presença de ânforas de origem grega e greco-oriental documentadas no território atualmente português parece indispensável numa obra que pretende apresentar um panorama geral sobre as ânforas gregas na Ibéria, evidenciando as novidades e avaliando o estado actual da investigação sobre o tema.

Começamos, porém, por realçar que, em Portugal, a sua presença é relativamente esporádica, pouco ultrapassando a dezena de exemplares, repartidos pela costa algarvia, com cinco exemplares do Castelo de Castro Marim e um outro de Faro, baixo Alentejo, com dois fragmentos, um de Monte Beirão, outro de Mértola e, centro/norte, com quatro peças do Castelo de Romariz (Arruda 2007; Ferreira 2022).

No que se refere aos primeiros, do Castelo de Castro Marim, trata-se de fabricos áticos, enquadrados na produção “à la brosse” (três), coríntios (um)¹ e um outro, possivelmente, de Quios, integráveis, respetivamente, nos tipos “C” e “P” do naufrágio de El Sec (Arruda, Ferreira e Sousa 2020). Ainda no litoral algarvio, há notícia do aparecimento de um fragmento de bordo com origem em Corinto, do tipo B, que permanece inédito, mas cuja classificação foi confirmada pela visualização directa por um dos signatários.

No Alentejo, o fragmento de Mértola pode ser incluído no grupo das ânforas áticas do tipo “à la brosse” (Ferreira 2022), e, mais no interior, em Monte Beirão, o bico e parte do corpo da ânfora recuperada à superfície (Beirão e Gomes 1980; Beirão 1986: 51) corresponde a uma importação sâmia, afim do tipo “N” do naufrágio de El Sec (Arruda 1997: 93).

O enorme vazio de ânforas gregas registado nos territórios do centro de Portugal não deixa de surpreender, sobretudo porque em muitos sítios a presença de outros tipos de cerâmica grega, ática e coríntia, está documentada em quantidades variáveis, mas, por vezes, consideráveis, como é por exemplo o caso de Alcácer do Sal, ou até mesmo de Lisboa.

¹ Um dos proponentes deste estudo sugeriu que este fragmento de bordo pendente possa enquadrar-se no tipo MGS III de Vanderersch (1994) e no tipo B de Corinto, ainda que sublinhando a ausência de caneluras, típicas deste tipo de produções (Arruda, Ferreira e Sousa 2020).

Por outro lado, os quatro fragmentos pertencentes a duas ou três ânforas, muito provavelmente, de tipo “SOS” de produção indeterminada (Centeno e Oliveira 2008; Centeno 2011) provenientes do Castro de Romariz no Norte de Portugal, sítio onde as importações mediterrâneas são abundantes (Centeno 2011), são reveladores da extensão dos contactos do Mediterrâneo com o Noroeste da Península Ibérica, situação que outros dados já indiciavam (Ferreira 2022).

Tratando-se de contentores usados no transporte de produtos alimentares, fundamentalmente azeite e vinho e seus derivados, chama-nos a atenção dois aspetos: o número reduzido de fragmentos até à data identificados no nosso território e a sua diversidade tipológica e de fabrico. Esta circunstância coloca-nos, desde já, as devidas reservas, devendo as leituras ser devidamente matizadas, quer do ponto de vista do contexto arqueológico, quer da análise comparativa relativamente a outros contextos peninsulares.

À parte essas problemáticas –que aqui tentaremos discutir–, parece-nos que a existência de produtos oriundos de distintas áreas produtoras do Mediterrâneo oriental são testemunho de um comércio híbrido que teria pressuposto circuitos de redistribuição muitos diversificados ainda que, simultaneamente, complementares.

Como revelam os naufrágios, as embarcações de comércio, desde as áreas de produção no Mediterrâneo oriental, foram frequentando distintos portos (de maior ou menor dimensão), seguindo percursos menores de cabotagem, comercializando os seus produtos e diversificando-os, até um determinado percurso final.

Entre nós, e como é característico das sociedades de transição da Idade do Ferro, a chegada destes produtos, e a sua aceitação nos mercados, variou certamente consoante cada comunidade e o contexto espaço-temporal (Morais, Ferreira e Mauro no prelo), associada a modelos de comércio aristocrático. Como já foi mencionado a propósito da presença da cerâmica grega em Portugal (Morais *et alii* 2017: 254-262), o seu comércio teria certamente implicado distintos intervenientes, de entre os quais gregos, fenícios/púnicos e iberos, que frequentavam distintos portos (*emporoi*) e mantinham um comércio ativo (*emporiae*), obtendo os melhores benefícios.

2. Os circuitos comerciais nas áreas de produção

Apesar do número reduzido de fragmentos até à data documentados no nosso território é possível enquadrar a sua presença nos circuitos de comercialização do Mediterrâneo oriental, nomeadamente a partir das áreas de produção e redistribuição.

No Mediterrâneo oriental as produções mais antigas eram comercializadas por coríntios e gregos orientais. Efetivamente, nesta fase mais antiga, entre os finais do séc. VII a. C. e grande parte do séc. VI a. C., a Ática –e em particular a cidade de Atenas– não tinha um comércio suficientemente estável e contínuo: os maiores portos situados em Súnio, *Halai Aixonides*, Falero e Muníquia, ainda não participavam nas exportações de longo alcance promovidas pelos comerciantes áticos (Morais, Ferreira e Mauro no prelo). Os principais agentes económicos capazes de transportar e vender mercadorias seriam os coríntios e os gregos da anfictionia das ilhas e do litoral da Ásia Menor, estes últimos envolvidos num longo comércio ultramarino desde o final do século VII a. C. (*id. ibidem*).

As produções áticas, mais tardias, enquadradas nos chamados tipos “à la brosse”, podiam ter sido embarcadas nos portos do sul da Ática, para depois serem transferidas para os portos da cidade do Istmo. Mas, o mais provável, que é a grande maioria dos exemplares deste tipo fosse agora comercializado diretamente a partir dos portos áticos. É neste período, entre

os séculos v e iv a. C., que assistimos à proeminência da cidade de Atenas. A hegemonia que a cidade haveria de adquirir após as guerras medo-persas abrirá novos horizontes comerciais e implicará novos contactos e redes marítimas de intercâmbio a longa distância. A Ática –com destaque para as produções cerâmicas atenienses– converte-se no novo centro exportador, transferindo-se a primazia portuária do Faléron para o Pireu, que passou a ser o principal centro marítimo de toda a Hélade.

3. *A hegemonia fenícia a ocidente*

Como já salientou um de nós (Arruda 1997; 2007), a ocidente, a presença destes produtos orientais está maioritariamente associada ao comércio fenício-púnico. Os fenícios, nas suas viagens regulares do Levante para as colónias ocidentais acabariam por incluir ânforas da Grécia oriental, recolhendo-as nas suas embarcações, frequentando alguns portos do mediterrâneo, como Rodes, Samos, *Kommos*, Egina, Corinto, Siracusa, entre outros. Tratava-se, como oportunamente referiu, Roald F. Docter (2000: 84), de um “change trade”, um comércio ocasional. Nesse sentido é possível pensar-se que a grande maioria dos contentores possa ter chegado ao nosso território através desse comércio de cabotagem, que mais tarde passou a incluir algumas cerâmicas coríntias. Chegados a ocidente, estes produtos seriam comercializados no âmbito dos mercados turdetanos, fundamentalmente a partir dos portos do Estreito, nomeadamente Cádiz, que os redistribuía.

Considerando os fragmentos até à data identificados no atual território português podemos pensar na existência de distintas correntes comerciais, ocorridas em três fases distintas: uma primeira, de filiação exclusivamente fenícia-ocidental, associada aos fragmentos de ânfora “SOS”, como referimos datáveis ente os séculos VIII e VI a. C.; uma segunda, no âmbito de um comércio fenício-púnico, associada aos fragmentos de contentores de Corinto, Quios e Samos, de meados do século VI a meados do século V a. C.; e uma terceira fase, continuando o comércio fenício-púnico, mas com maior envolvimento dos turdetanos, a partir da segunda metade do século V a. C., com a presença dos fragmentos áticos do tipo “à la brosse”. Nesta última fase temos uma maior presença de produtos púnicos e gregos, em particular de cerâmica fina, que se irá intensificar na centúria seguinte.

A prevalência dos mundos comerciais fenícios, púnicos e turdetanos não significa, no entanto, que se deva minimizar a presença de alguns gregos entre os comerciantes, fossem eles homens livres ou escravos. De facto, a existência de gregos em Huelva na primeira metade do século VI a. C., confirmada tanto pela notável quantidade de cerâmica grega como pelos grafitos gregos em loiça produzida localmente (Domínguez Monedero 2013), sugere que essa presença se poderia estender a costas mais ocidentais (Morais *et alii* 2017: 254-262).

4. *Dinâmicas de importação e contextos de proveniência*

No que diz respeito à distribuição geográfica dos fragmentos de ânforas gregas identificados no território em estudo, não obstante a escassez de testemunhos, é possível tecer importantes considerações (Fig. 1).

A primeira prende-se com o aparecimento de cinco fragmentos, o maior conjunto registado, no litoral sudoeste de Portugal, no Castelo de Castro Marim (Fig. 2). Identificaram-se neste arqueossítio aproximadamente 30 % do total de exemplares de cerâmica grega recolhidos em contextos arqueológicos portugueses. É igualmente em Castro Marim que se verifica a maior



Fig. 1.- Mapa com a distribuição dos contentores anfóricos de origem grega e greco-oriental no atual território português.

diversidade de tipologias e produções gregas, não sendo, por isso, de estranhar a presença deste tipo de contentores. Não obstante, as ânforas de origem grega e greco-oriental correspondem a uma percentagem diminuta que não excede o 1,60 % do conjunto total de 315 exemplares aí exumados, tema que trataremos adiante.

Avançando 50 km para o interior, encontramos um fragmento de bojo de ânfora de fabrico ático, no atual município de Mértola² (Fig. 3), local onde já foram identificados abundantes testemunhos de ocupação humana no decurso da Idade do Ferro (e.g. Rego, Guerreiro e Gómez 1996; Arruda, Barros e Lopes 1998; Barros 2008; Barros 2010). O povoado antigo ter-se-á desenvolvido na margem do rio Guadiana, no local a partir do qual esta via fluvial deixa de ser navegável para o interior por embarcações de maior calado. Pelo contrário, o acesso à costa e igualmente a Castro Marim, na foz do Guadiana, estaria largamente facilitado pela existência desta importante via de comunicação.

A relação entre as produções gregas identificadas em Mértola e Castelo de Castro Marim já foi discutida em estudos anteriores (Arruda 1997; Arruda 2007; Ferreira 2022), verificando-se

² O exemplar grego foi identificado fora do atual recinto amuralhado, no decorrer das escavações arqueológicas no Rossio do Carmo (Sondagem 3, UE.131). Nas imediações deste local, no anexo sul da basílica cristã e em contexto de deposição secundária, recolheu-se igualmente um exemplar de taça cástulo totalmente revestido de verniz negro.

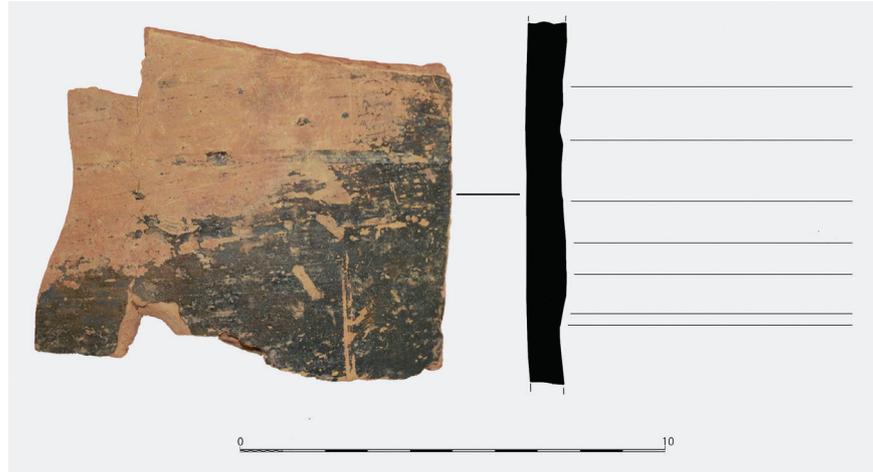


Fig. 2.- Fragmento de ânfora ática «à la brosse» procedente de Castelo de Castro Marim.



Fig. 3.- Fragmento de bojo de ânfora ática do tipo «à la brosse» procedente de Mértola. Exibe engobe negro, não uniforme, na superfície externa, estando a superfície interna reservada. Pasta com cerne de tonalidade acinzentada e extremidades rosadas (Ferreira 2022: Ref. MER/113).

manifestas semelhanças no que diz respeito ao tipo de recipientes adquiridos, à sua decoração e às quantidades de cada tipologia importada.

Já foi também discutida a possibilidade de ter existido em Castro Marim uma elite responsável pela receção e redistribuição de produtos que circulam nas rotas comerciais mediterrânicas, tornando-os acessíveis aos povoados autóctones mais interiores e, simultaneamente, encargos do escoamento da produção endógena através da sua incorporação em novas e amplas redes de mercados (Arruda 1997).

A possível relação comercial estabelecida entre estas duas comunidades poderá assim justificar o aparecimento de contentores áticos do tipo «à la brosse» em ambos os arqueossítios. Além do exemplar de ânfora, são procedentes de Mértola 177 fragmentos de cerâmicas áticas, o segundo maior conjunto identificado no atual território português.

Também no que diz respeito ao exemplar de ânfora procedente de Monte Beirão³ (Fig. 4), o mais completo à data identificado, deve ser considerada a proximidade geográfica a comunidades

³ Código Nacional de Sítio: 3161 [Beja/Almodôvar/Almodôvar e Graça dos Padrões].

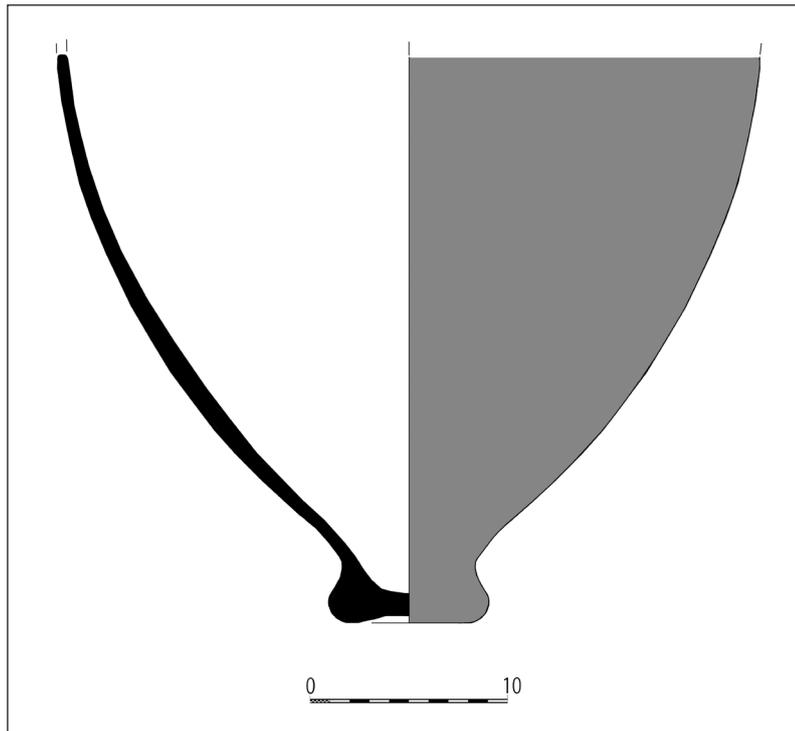


Fig. 4.- Conjunto de fragmentos pertencentes à mesma peça identificados no arqueossítio de Monte Beirão. Correspondem à parte inferior de uma ânfora, conservando o bico fundeiro e uma parte significativa do bojo. As suas características formais aproximam-na no tipo N de El Sec (Arribas *et alii* 1987), de fabrico sâmio (Ferreira 2022: Ref. BEI/001) (desenho da autoria de Beirão e Gomes 1980, adaptado).

recetoras de produtos gregos. Os vários fragmentos exumados, pertencentes a uma única peça (Beirão e Gomes 1980; Beirão 1986: fig. 7a), são possivelmente procedentes de um pequeno cabeço localizado a escassos 28 km de Mértola⁴. Estes materiais, juntamente com outros, foram identificados em sedimentos superficiais⁵ por Caetano Beirão, não tendo sido realizadas escavações arqueológicas que permitam apurar o seu contexto de proveniência. Este exemplar foi inicialmente classificado como ânfora de tipo Bon Porté I, de época arcaica (Beirão e Gomes 1980), proposta posteriormente revista pelo seu achador (Beirão 1986: 51), passando a integrá-lo nas produções do século VII-V a. C. Só mais recentemente, foi sugerida a sua possível correspondência aos contentores anfóricos sâmios do tipo N do naufrágio de El Sec (Arribas *et alii* 1987), por um dos signatários deste estudo (Arruda 1997: 93), remetendo assim a sua produção à primeira metade do século IV a. C.

Também na região Norte, tal como referido, foram identificados quatro fragmentos pertencentes a duas ou três ânforas gregas (Caravale e Toffoletti 1997: 59-62) (Fig. 5). Estes exemplares, procedentes do Castro de Romariz, apresentam um fabrico de grande qualidade, com

⁴ À distância de menos de meio-dia de viagem a pé. O referido cabeço é mencionado por Caetano Mello Beirão (1972: 203), sendo a sua localização exata alvo de discussão.

⁵ Caetano Beirão refere a existência, no local, de uma unidade habitacional da Idade do Ferro, identificando um compartimento com lareira, onde recolheu fragmentos de «uma ânfora massaliota, dos séculos VII-V a. C.» (*id. ibidem*), tratando-se possivelmente do exemplar em análise.



Fig. 5.- Fragmentos de ânfora SOS procedente de Castro de Castro Marim.

pastas homogêneas de cor castanho-rosado, muito depuradas, e superfícies externas revestidas de um espesso engobe de cor negra-acastanhada que cobre uniformemente toda a superfície. Foram prontamente classificados como ânforas SOS (Centeno e Oliveira 2008; Centeno 2011), uma tipologia com possível origem na Erétria, Ática Calcídia, e nas ilhas Pitecusas, em Itália (Shefton 1982: 339). São provenientes de um estrato arqueológico bem conservado [camada 06], que regista a presença de uma quantidade significativa de bens importados, incluindo vários outros exemplares de ânforas de tradição oriental, contas vítreas e fusaiolas de fabrico exógeno (Centeno 2011)⁶. Considerando a cronologia de produção deste tipo de ânforas (Johnston e Jones 1978; Pratt 2014; 2015; 2016) e o seu contexto de proveniência (Centeno 2011), admite-se uma datação entre a segunda metade do século VIII e os inícios do VI a. C. para os exemplares do Castro de Romariz.

A raridade das cerâmicas gregas de época arcaica em território português (Arruda 2019) e a ausência de outros testemunhos destas produções a norte do Tejo colocam naturais reservas à sua classificação como ânforas SOS. Contudo, a confirmar-se esta atribuição, a integração do noroeste peninsular nas redes de comércio de produtos gregos recuará pelo menos ao século VI a. C., coincidindo com o momento em que chegam os primeiros exemplares de cerâmicas coríntias de figuras negras ao centro e sul do atual território português (*ibidem*)⁷.

A importação de cerâmica grega no Castro de Romariz não se restringiu a este momento, verificando-se a presença de um fragmento de taça ática de figuras vermelhas, datável do século V-IV a. C.⁸, presente no estrato arqueológico imediatamente posterior (Silva 1986: 162, n.º 171, Est. LXXIX, 3; Centeno e Oliveira 2008: 49).

Em outras regiões da Península Ibérica está já identificado um número significativo de exemplares áticos do tipo SOS, mencionando-se, a título de exemplo, o conjunto procedente

⁶ Destacamos, a este respeito, um fragmento de bordo, procedente do estrato imediatamente anterior, com forma e fabrico semelhantes a um exemplar de kratêr-de-colunas procedente de Huelva, datado de 600 a. C. (Centeno 2011).

⁷ A ocupação mais antiga do Castro de Romariz é ainda pouco conhecida, mas as poucas áreas intervencionadas com profundidade suficiente para integrar o momento de chegada destes bens exógenos, revelam um povoado perfeitamente integrado nas rotas de comércio de produtos orientalizantes.

⁸ Corresponde a um fragmento de parede, muito fragmentado e com superfícies deterioradas, não sendo possível determinar uma cronologia precisa para a sua produção.

de Huelva (e.g. Amo Del 1976: 42-43, lám. 5; Cabrera Bonet 1985: 50, lám. III; Rouillard 1991: 740-741, 2.2.5.58; Cabrera Bonet 1994: 25), datado de 650-500 a. C.

Também o estudo dos contextos arqueológicos de proveniência das ânforas identificadas no atual território português contribui para o melhor conhecimento do significado e uso dado a estes contentores. Dos cinco fragmentos exumados em Castelo de Castro Marim, apenas um foi atribuído a um contexto conservado da Idade do Ferro (Arruda, Ferreira e Sousa 2020; Ferreira 2022: Ref. MAR/314). Corresponde a um dos três exemplares de ânforas do tipo «à la brosse», já referidos, procedente de um depósito de natureza votiva [UE 0078/0089], interpretado como possível *bothros* associado a uma área de culto (Arruda 2005; Arruda e Freitas 2008; Arruda *et alii* 2009). Surge em relação com vinte e quatro exemplares de cerâmica ática de verniz negro (Ferreira 2022), incluindo dez taças cástulo, correspondendo a trezes fragmentos; uma taça da classe delicada; três taças de bordo reto⁹; três taças indeterminadas de pé baixo; e sete fragmentos de bojos de tipologia indeterminada. O conjunto é complementado de um único exemplar de cerâmica ática de figuras vermelhas, correspondendo a uma taça de pé baixo, possivelmente contemporânea das produções do pintor de Marlay, também presentes neste arqueossítio¹⁰. Regista-se igualmente a presença de ânforas do tipo Pellicer B/C e Mañá Pascual A4, designadamente as variantes 11.2.1.3., 11.2.1.4 e 11.2.1.6. de Ramón Torres, remetendo-se o conjunto à 2^a metade ou finais do século v a. C. (Arruda, Ferreira e Sousa 2020).

Desconhecemos a função e o significado atribuído a estas peças sendo, no entanto, significativa a presença de uma ânfora num depósito com características votivas. Concebidos originalmente para o transporte de mercadorias líquidas a granel, podemos admitir a possível associação dos produtos transportados ao culto desenvolvido neste espaço, ainda que não seja inédita a reutilização e reinterpretção de ânforas áticas, em contextos funerários e votivos em várias regiões do Mediterrâneo (Pratt 2014: 262).

Por fim, destacamos a escassez de testemunhos identificados, demonstrando a preferência por outro tipo de ânforas, possivelmente transportando mercadorias oriundas de outras áreas do Mediterrâneo. A raridade de exemplares acompanha, no centro e norte do território em estudo, a diminuta importação de produções cerâmicas gregas, geralmente testemunhadas através de menos de uma dezena de indivíduos por sítio arqueológico. Frequentemente interpretados como bens de prestígio, os vasos gregos importados, particularmente a norte do Tejo, atestam a preferência pelas produções de figuras vermelhas sugerindo uma possível valorização da estética característica destes fabricos e a clara preferência pelos mesmos em detrimento dos recipientes totalmente revestidos de verniz negro, como o são também as ânforas gregas.

5. Considerações finais

A escassez de ânforas gregas no conjunto do território actualmente português não deixaria de surpreender, se tivéssemos em consideração a relativa abundância de outros produtos com idêntica origem, por exemplo de vasos de mesa, ou mesmo de toilette, sobretudo nas áreas mais meridionais, Alentejo, Algarve e estuários do Sado e Tejo. Porém, não pode esquecer-se que esta realidade não destoa substancialmente da que se verifica a Oriente do Guadiana, quer na

⁹ Correspondendo à forma «Plain Rim Cup» da Ágora de Atenas (Moore 1997: 66). É possível que os três fragmentos correspondam à mesma peça, ainda que não colem entre si.

¹⁰ A referida atribuição é dada exclusivamente pela datação do contexto de proveniência do fragmento, uma vez que o avançado estado de fragmentação do exemplar não permite a identificação do pintor e/ou cronologia de produção.

Andaluzia quer na Extremadura. A verdade é que os contentores anfóricos aí aparecidos (em quantidades apesar de tudo apreciáveis) são, no entanto, sempre proporcionalmente muito inferiores à restante cerâmica, não parecendo que a situação descrita para o Extremo ocidente difira substancialmente da restante Península Ibérica. Tudo indica, portanto, que o comércio dos vasos gregos de figuras negras e vermelhas e de verniz negro se constituiu como primordial, quer na perspectiva mediterrânea, mas também na dos mercados ocidentais. Aqui, os produtos alimentares, concretamente o vinho e o azeite, transportados em ânforas fabricadas no vale Guadalquivir tiveram, aparentemente, muito mais sucesso. Por outro lado, a produção local desses bens de consumo doméstico é um dado adquirido, havendo para Castro Marim muitas evidências dessa produção (Arruda 2020), o que dispensaria a sua importação maciça.

Ao contrário de outras realidades da Antiguidade e de épocas históricas, o comércio grego parece não ter assentado nos produtos alimentares, mas nos manufaturados, o que pode contradizer a presença relativamente expressiva de ânforas gregas em alguns naufrágios como o de El Sec (Arribas *et alii* 1987). E assim teríamos de considerar a possibilidade de esses produtos terem sido, nas áreas portuárias, vertidos para outros recipientes de menores dimensões. Mas a ausência de acumulações de tipo “testaccio” não valida esta hipótese, a não ser que se considere a possibilidade de os contentores regressarem às embarcações de forma a serem reaproveitados.

Bibliografia

- AMO DEL, M. 1976: Restos materiales de la población romana de Onuba, *Huelva Arqueológica* II, Huelva, 13-43.
- ARRIBAS, A., TRÍAS, G., CERDÀ, D. e DE HOZ, J. 1987: *El barco de El Sec (Costa de Calvià, Mallorca). Estudio de los materiales*, Ayuntamiento de Calvià, Universitat de les Illes Balears, Palma de Mallorca.
- ARRUDA, A. M. 1997: *A cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*, Ed. Colibri, Lisboa.
- ARRUDA, A. M. 2005: O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século, *O Arqueólogo Português* 4, 23, Lisboa, 9-156.
- ARRUDA, A. M. 2007: Cerâmicas gregas encontradas em Portugal, em: Pereira, M. H. (ed.), *Vasos gregos em Portugal. Aquém das colunas de Hércules*, Lisboa, 135-149.
- ARRUDA, A. M. 2019: A cerâmica grega de época arcaica do território actualmente português, *Archivo Español de Arqueología* 92, Madrid, 63-79.
- ARRUDA, A. M. 2020: Na cozinha e à mesa na II Idade do Ferro do Sul de Portugal, em: Gómez Bellard, C., Pérez-Jordá, G. e Vendreli Betí, A. (eds.), *Alimentación en el mundo fenicio-púnico: producciones, procesos y consumo*, Editorial Universidad de Sevilla, Sevilla, 161-179.
- ARRUDA, A. M. e FREITAS, V. 2008: O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e., em: Jimenez Avila, J. (ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*, Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVII, Madrid, 429-446.
- ARRUDA, A. M., BARROS, P. e LOPES, V. 1998: Cerâmicas áticas de Mértola, *Conímbriga* 37, Coimbra, 122-149.
- ARRUDA, A. M., FERREIRA, D. e SOUSA, E. 2020: *A cerâmica grega do Castelo de Castro Marim*, Estudos & Memórias 13, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- ARRUDA, A. M., FREITAS, V., OLIVEIRA, C., SOUSA, E., LOURENÇO, P. e CARRETERO, P.

- 2009: Castro Marim: um santuário pré-romano na foz do Guadiana, em: Mateos, P., Celestino Pérez, S., Pizzo, A. e Tortosa, T. (eds.), *Santuarios, Oppida y Ciudades: Arquitectura Sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental, Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (2006)*, Anejos de Archivo Español de Arqueología XLV, Mérida, 79-88.
- BARROS, P. 2008: Mértola durante os séculos VI e V a. C., em: Jiménez Ávila, J. (ed.), *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-orientalizante*, Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI, Mérida, 399-414.
- BARROS, P. 2010: Mértola entre os séculos VI e III a. C., *Los Púnicos de Iberia: Proyectos, Revisiones, Síntesis*, Mainake 32-1, Málaga, 417-436.
- BEIRÃO, C. M. 1972: *Relatório das prospeções arqueológicas feitas nos concelhos de Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Loulé. [Projeto Prospeções Arqueológicas feitas nos concelhos de: Odemira, Ourique, Castro Verde, Almodôvar, Mértola, Alcoutim, Loulé., Investigação ad hoc, 1971/1972]*, Edição policopiada.
- BEIRÃO, C. M. 1986: *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal-1er Age du Fer*, Diffusion de Boccard, Paris.
- BEIRÃO, C. M. e GOMES, M. V. 1980: *A Idade do Ferro no sul de Portugal. Epigrafia e cultura*, MNAE, Lisboa.
- CABRERA BONET, P. 1985: Nuevos fragmentos de ceramica griega de Huelva, em: Picazo, M. e Sanmartí, E. (eds.), *Ceràmiques Gregues i Helenístiques a la Península Ibèrica, Taula Rodona amb motiu del 75^e Aniversari de les Excavacions d'Empúries*, Monografies Emporitanes VII, Barcelona, 43-57.
- CABRERA BONET, P. 1994: Comercio internacional mediterráneo en el siglo VIII a. C., *Archivo Español de Arqueología* 67, Madrid, 15-30.
- CARVALE, A. e TOFFOLETTI, I. 1997: *Anfore Antiche conoscerle e identificarle*, Istituto di Recerche Ecologiche ed Economiche, Rome.
- CENTENO, R. 2011: *O Castro de Romariz (Aveiro, Sta. Maria da Feira)*, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira.
- CENTENO, R. e OLIVEIRA, A. J. 2008: *Roteiro do Museu Convento de Lóios*, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira.
- DOCTER, R. F. 2000: East Greek fine wares and transport Amphorae of the 8th-5th century B.C. from Carthage and Toscanos, em: Cabrera Bonet, P. e Santos Retolaza, M. (eds.), *Ceràmiques jònies d'època arcaica: centres de producció i comercializació al Mediterrani Occidental, Actes de la Taula Rodona celebrada a Empúries, els dies 26 al 28 de maig de 1999*, Monografies Emporitanes 11, Barcelona, 63-88.
- DOMÍNGUEZ MONEDERO, A. 2013: Los primeros griegos en la Península Ibérica (s. IX-VI a. C.). Mitos, probabilidades, certezas, em: Hoz, M. P. de e Mora, G. (eds.), *El Oriente griego en la Península Ibérica. Epigrafía e Historia*, Real Academia de la Historia, Madrid, 11-42.
- FERREIRA, D. F. 2022: *A cerâmica grega na fachada atlântica da Península Ibérica*, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.
- JOHNSTON, A. W. e JONES, R. 1978: The SOS amphora, *Annual of the British School at Athens* 73, Cambridge, 103-141.
- MOORE, M. B. 1997: *Attic red-figure and white-ground pottery*, The Athenian Agora XXX, Princeton.
- MORAIS, R., FERREIRA, D. e MAURO, C. no prelo: Sailing from the Attic Ports to the coast of Ophiussa. The trade routes of Attic vases to the western Hesperides, *Trade of Greek Pottery*, Oxford.

- MORAIS, R., ARRUDA, A. M., FERREIRA, D. e SOUSA, E. 2017: Uma simbiose perfeita: gregos e fenícios nas Hespérides Ocidentais Atlânticas, em: Aquilué, X., Cabrera, P. e Orfila, M. (eds.), *Homenaje a Glòria Trías Rubiés*. Cerámicas griegas de la Península Ibérica: cincuenta años después (1967-2017), Barcelona, 254-262.
- PRATT, C. E. 2014: *Critical Commodities: Tracing Greek Trade in Oil and Wine from the Late Bronze Age to the Archaic Period*, (PhD Thesis), University of California, Los Angeles.
- PRATT, C. E. 2015: The 'SOS' amphora: an update, *The Annual of the British School at Athens* 110, Cambridge, 213-245.
- PRATT, C. E. 2016: Greek Commodities Moving West: Comparing Corinthian and Athenian Amphorae in the Early Archaic Period, em: Demesticha, S. e Knapp, B. (eds.), *Maritime Transport Containers in the Bronze Iron Age Aegean and Eastern Mediterranean*, Studies in Mediterranean Archaeology Pocket-Book 183, Uppsala, 195-213.
- REGO, M., GUERRERO, O. e GÓMEZ, F. 1996: Mértola: Una ciudad mediterránea en el contexto de la Edad del Hierro del Bajo Guadiana, *Actas de las I Jornadas Transfronterizas sobre la Contienda hispano-portuguesa*, Biblioteca de Estudios Arochenos, Aroche, 119-132.
- ROUILLARD, P. 1991: *Les grecs et la Péninsule Ibérique du VIII au IV aoècle avant Jésus-Christ*, Diffusion de Boccard, Paris.
- SHEFTON, B. B. 1982: Greeks and Greeks Imports of the Iberian Peninsula. The archaeological evidence, *Phönizier im Westen*, Koln.
- SILVA, A. C. 1986: *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira.
- VANDERMERSCH, C. 1994 : *Vins et amphores de Grande Grèce et de Sicile IV^e-III^e s. avant J.C.*, Napoli.